

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,
ribeirinhos e desigualdades**

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: UMA EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO POPULAR E ENFRENTAMENTO DE DESIGUALDADES

BRUNA SALGUEIRO SILVA¹

TAYNARA PENNINGS²

RESUMO

Este artigo traz um panorama da atuação do movimento político Teologia da Libertação na América Latina, pela experiência prática do movimento via SERPAJ, que colaborou para a organização popular latino-americana nas décadas de 1970 e 1980 até a atualidade contra desigualdades sociais e políticas e a garantia dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: América Latina; Direitos humanos; Movimento Social; Política; Teologia da Libertação

RESUMEN

Este artículo ofrece un panorama del desempeño del movimiento político de la Teología de la Liberación en América Latina, a través de la experiencia práctica del movimiento a través del SERPAJ, que colaboró para la organización popular latinoamericana desde las décadas de 1970 y 1980 hasta la actualidad contra las desigualdades sociales y políticas y la garantía de los Derechos Humanos.

Palabras claves: Latinoamérica, Derechos humanos, Movimiento social, Política, Teología de la liberación.

Discutir América Latina é deparar-se com grande diversidade continental, múltiplas etnias nativas e imigrantes, diversos relevos e ecossistemas, diversas narrativas e culturas fermentando

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

juntas sobre o solo de Abya Yala.³

Diante dos resultados do processo colonizador capitalista, que produz toda sorte de desigualdade e objetificação de territórios, nasce a resistência que se alimenta da sede de existir, da crença de que todo ser humano merece a liberdade.

A tensão estabelecida em nosso continente desde as primeiras caravelas é fazer valer a vida do povo que aqui vive em detrimento dos movimentos hegemônicos de mercantilização e superexploração do trabalho, tão intrínsecos as identidades latinas em decorrência das violências coloniais sistemáticas sofridas por séculos.

Algo que une todo o continente e suas populações é a dinâmica sincrética e “mescladora” que se apropria dos elementos impostos e consegue verter morte em vida, violência em resistência, colonização em liberdade. Surge aqui uma igreja que no lugar de catequizar e escravizar o corpo indígena/negro usa de sua potência de coletivo para mobilizar a “boa nova”⁴, que chama seu povo a se organizar contra as injustiças sociais e agir politicamente frente ao avanço da exploração dos marginalizados no mundo todo. Surge aqui a Teologia da Libertação e com ela movimentos por toda Abya Yala de cristãos latinoamericanos que veem nas CEBs (comunidades eclesiais de base)⁵ uma possibilidade de reconstruir sua comunidade e sua autonomia diante a dependência proposta pelo colonizador.

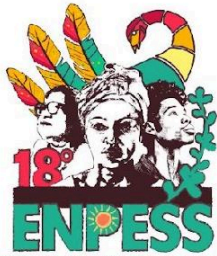
A Teologia da Libertação (TdL) foi um movimento religioso, social e político surgido na América Latina nos anos 60 e 70, com um ápice de atuação entre os anos 70 e os anos 90, e do qual continuam participando ainda hoje, mesmo se em número muito menor, militantes leigos, teólogos, padres, bispos e pastores (MOREIRA, 2016, p. 207).

A construção do coletivo dentro das comunidades cristãs não gira em torno apenas da relação íntima com o “espírito santo”, mas com o sagrado que mora no corpo de cada pessoa, “amar o próximo como a ti mesmo” é parte fundante da igreja, estar em coletivo e servir ao coletivo é exercício cotidiano dos e das fiéis. Certamente é que por tanto floresceu organização

³ Abya Yala é um termo designado por movimentos indígenas para se referirem ao continente americano se opondo a nomenclatura dada pela colonização (PORTO-GONÇALVES, 2009) e que aqui adotamos como referencial fortalecendo uma dinâmica anticolonial epistemológica.

⁴ Boa nova é tida dentro da igreja católica como a notícia que o Messias, Jesus Cristo, traz a humanidade, que revela através de suas ações e ensina sobre comunidade, amor ao próximo e autocrítica entre outras coisas.

⁵ As CEBs são uma entidade religiosa que surge dentro de uma dupla dinâmica: - a massificação, dispersão e incomunicabilidade da cidade e sua situação de lugar de exploração, favorecendo a formação e o crescimento de pequenos grupos de ajuda mútua; - a perspectiva de renovação da igreja a partir de uma maior fidelidade ao evangelho com sua dimensão de opção pelos pobres e de vida comunitária (PERANI, 2009).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

política nesse espaço, por essa fertilidade social, pela prática de estar coletivamente e uns pelos outros.

Como dito anteriormente, as CEBs tiveram função importante para a construção da unicidade desse pensamento, era essa vivência proletária e camponesa da igreja que fortaleceu o elo entre clero e força anticapitalista.

Esse movimento é contemporâneo a uma efervescência política intensa e se funde a outras teorias sociais que também buscam direitos civis como feminismo, direito indígena, movimento negro e a ambientalismo. COLPANI discute em seu texto a intersecção entre a Teologia da libertação e tais frentes, dando um panorama importante no estudo que estamos fazendo aqui.

Teologia Indígena da Libertação

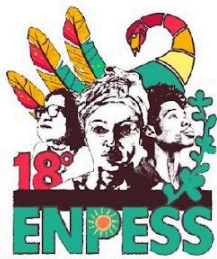
Falar em busca por liberdade é também falar sobre corpos que atualmente não são livres, que se encontram em cativeiro, seja ele físico, epistemológico ou subjetivo. As comunidades indígenas foram e ainda hoje são sistematicamente afastadas de sua autonomia e sujeitas a processos de violência, é impossível ignorar.

A Teologia da libertação como movimento político desperta em Abya Yala e se fortalece muito devido às necessidades desse povo que já vinha resistindo e recriando seu cotidiano para permanecer. Quando a igreja encontra esses povos e os enxerga com valor e humanidade “universos se criam” e aí é que mora o cerne da vertente presente na Teologia da libertação que vai dar foco à questão indígena.

É importante entender que na matriz cristã a catequização e evangelização são um pilar, um valor inegociável, onde a igreja precisa “levar a palavra” às comunidades mais distantes. Nesse sentido pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina (2 Timóteo 4:2).

Ou em Romanos:

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: “Como são belos os pés dos que anunciam boas-novas!” No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu em nossa mensagem?” Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo (Romanos 10:14-17).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Como seguir os preceitos da religião sem ferir os processos de liberdade social defendidos pelo movimento? Para os escritos bíblicos o sentido de que “Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada” (1 Coríntios 1:17).

A Teologia indígena da libertação faz uma interpretação do texto da bíblia sagrada que compreende a mensagem de paz e valores maior que o batismo, traz em sua proposta de prática uma relação horizontal de trocas e vivências que fortalecem as comunidades e estabelecem um vínculo respeitoso com a crença já estabelecida, sem desmerecê-la ou demonizá-la.

Cria-se a oportunidade para que os povos indígenas optem por sua religião, ou pelo cristianismo. Nos dois casos os teólogos da libertação sustentam a necessidade de respeitar as particularidades de cada cultura indígena, para que a partir delas se possa discutir teologia, e não a partir de um modelo europeu. Volta-se então ao método original da Teologia da Libertação, qual seja, parte-se da realidade vivenciada em cada comunidade indígena, para em seguida confrontá-la com os evangelhos ou com a religião escolhida pelos indígenas, sendo que ao final buscam-se ações no sentido de concretizar os anseios de libertação. Mas esta autodeterminação somente é possível quando se pensa em uma comunidade indígena que possa optar por manter, não só sua religião, mas sim todas as características de sua cultura originária (COLPANI, 2002).

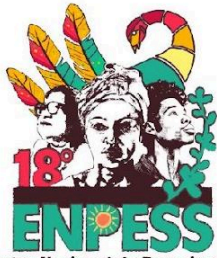
O *modus vivendi* de uma comunidade não se resume ao culto que faz, se faz ou como o faz, mas diz respeito a cosmovisão, a relação com o ambiente, as relações interpessoais e tecnológicas. Ter direito à própria cultura é ter direito de manter sua complexidade, sua subjetividade perante encontros multiculturais.

Teologia Negra da Libertação

Por todo continente temos a presença massiva de povos afrodescendentes trazidos para o trabalho forçado e que historicamente lutam para terem direito à cidadania e liberdade, encontram então eco nessa luta por libertação e conectam-se com ela.

Todo o processo de colonização trouxe apagamento para as particularidades dos diversos grupos étnicos que vieram para nosso território e que, a força, dele se apropriaram, fazendo dessa terra seu lar, inventando festa, dança e espiritualidade. Toda mescla que surge e compõe nossa cultura, de maneira geral, passa pela rica contribuição do povo negro, que também se reconhece no cristianismo por muitas vezes.

A Teologia da libertação negra dialoga com as pessoas negras dentro e fora da igreja,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pensando numa dinâmica de combate ao racismo e fortalece as tecnologias sociais desenvolvidas por essa fatia da população.

A Teologia da Libertação Negra, atenta a necessidade de libertação em seu sentido mais amplo, procura centrar seu enfoque nas questões sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas que afetam o negro excluído. Não há uma preocupação em definir exatamente quem é o negro, mas sim em emancipar o negro empobrecido em todas as suas dimensões. Uma teologia que liberte necessita aceitar as origens culturais e religiosas dos povos afro-americanos, ou daquilo que restou delas. Esta é a proposta da Teologia da Libertação Negra (...) (COLPANI, 2002).

Colpani ainda cita Leonardo Boff, renomado teólogo da libertação:

Também as religiões negras, radicadas na África e em relação com as religiões do novo continente, souberam elaborar formas inteligentes de sincretismo que garantiram a confiança da Igreja Católica sem perder o essencial das suas tradições de povos afros.(...) A Teologia da Libertação se abre a essas alteridades, solidariza-se com a luta contra sua pobreza, e se faz presente nas comunidades de fé afros. Em suas danças, símbolos e ritos religiosos os cristãos percebem a profunda espiritualidade dos afro-americanos (BOFF, 1996).

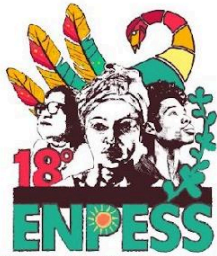
É importante notar que a resistência e valorização das frentes de luta já estabelecidas no continente se fazem parceiras da Teologia da libertação por serem consonantes no que tange o coletivo organizado em prol da liberdade.

Teologia feminista

A organização de mulheres contra o patriarcado vem há muito numa batalha contra a igreja e seus valores, visto que a religião é tida como mantenedora da dinâmica de dominação dos corpos e relações sociais das mesmas. Não significa dizer que toda mulher feminista que é contra a opressão seja contra a igreja, mas com certeza significa que essas mulheres e seus apoiadores vão sim confrontar as práticas opressoras advindas da religião e propor uma relação igualitária.

Ora, se a Teologia da libertação se propõe a rever suas práticas e valores produtores de opressões, então esse caminho que vem sendo trilhado serve como farol e engrossa o coro da luta contra o machismo na igreja.

As teólogas da libertação, ao criticarem o preconceito contra a mulher e o “machismo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

teológico”, procuram com isso construir uma nova sociedade e um novo modelo de desenvolvimento. Para tanto, partem da realidade que vivenciam, confrontando-a com uma releitura dos evangelhos a partir da ótica feminina. É a mesma Teologia da Libertação, porém renovada pelo reconhecimento da mulher como teóloga da libertação, capaz de construir uma teologia sob a perspectiva feminina (COLPANI, 2002).

Teologia da Libertação e ecologia

A dinâmica de dominação é intrínseca à colonização e se sobrepõe ao que “já estava”, independente da sustentabilidade dos processos. Colpani também traz essa perspectiva em seu debate, nos provocando a pensar nas relações que a igreja tem com a exploração do território, não apenas para pensar relações humanas, mas também pensando em dinâmicas ambientais e suas decorrências.

Dentro do contexto de adaptação à realidade, a Teologia da Libertação viu-se impelida a abordar os problemas relacionados à preservação do meio ambiente, inserindo em sua opção pelos pobres a análise das questões ligadas à ecologia e seu impacto no aumento da pobreza. Leonardo Boff em sua obra “Ecologia, Mundialização, Espiritualidade”,⁸⁶ atribui ao cristianismo parte da culpa pela crise ecológica atual, devido à forma equivocada com que a teologia tradicional interpretou o Gênesis (COLPANI, 2002).

A Teologia da libertação faz uma análise sobre o que seria liberdade e dominação, a partir daí se põe a criticar as dinâmicas religiosas, principalmente as católicas, numa provocação epistemológica, chamando todos de seu tempo a criar novas possibilidades de ser teologia. Falar sobre libertação é entender quais são os postos de opressão, quem os ocupa e como desconstruí-los.

SERPAJ, teologia da libertação e direitos humanos

Frente ao contexto que enfrentamos na resistência pós colonial de capitalismo de dependência (MARINI, 2002) que se estabelece em toda Abya Yala surgem movimentos políticos dispostos ao enfrentamento das problemáticas sociais. Com base no tema até aqui discutido, a Teologia da libertação, o movimento SERPAJ se estrutura e desponta no território de maneira ampla e capilar agindo coletivamente na dissolução das desigualdades e em busca de justiça social.

Tivemos a oportunidade de entrevistar um ativista membro do coletivo em questão,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Rosalvo Salgueiro, teólogo e mestre em direito penal internacional, que contou um pouco da história da atuação do movimento, principalmente focando em sua fundação e em sua relação com as ditaduras militares nas décadas de 70 e 80.

Também tivemos acesso a uma publicação de Ana Juánchez, outra ativista participante do SERPAJ, onde fala sobre a atuação do coletivo através do conceito de educação para paz.

SERPAJ (Serviço de Paz e Justiça na América Latina), movimento que, pautado nos valores da Não Violência ativa, se posiciona na garantia dos direitos humanos por toda a América Latina, tendo sede em 13 países e atuando desde 1976.

Rosalvo: Quando fundamos o SERPAJ em 76, eu tinha 21 anos de idade. Eram apenas quatro países presentes: Argentina, Chile, Brasil e Panamá. E a ideia principal era oferecer algum tipo de resistência das ditaduras militares. Mas mais do que oferecer resistência, era de salvar as pessoas que estavam sendo perseguidas pelas ditaduras.

A base do discurso de tal movimento se encontra em seu lema: “La paz es fruto de la justicia”, entendem que a paz é um direito humano inalienável e consequência da justiça, assim sendo propõe ações que busquem fomentar a justiça social e dissolução das desigualdades, sempre regido pelos valores da não violência.

Essa perspectiva parte da premissa que a não violência não se caracteriza por um comportamento passivo diante as violências, mas uma escolha ativa e dinâmica pela manutenção da justiça, que a longo prazo garante um cenário de paz e/ou bem estar social, enfrentando e transformando os conflitos em repertório e novas possibilidades.

A presença em diversos países durante as décadas de 70 e 80 frente aos diversos regimes militares ditatoriais foi uma marca importante no trabalho do SERPAJ contra as desigualdades de direitos, bem como sua posição política anticapitalista em prol dos trabalhadores submetidos a exploração.

Rosalvo: Na verdade, antes do SERPAJ nasceu uma entidade, no final da década de 50, início de 70, chamada Frente Nacional do Trabalho, fundada por Mário Carvalho de Jesus e um grupo de operários. E o SERPAJ nasceu no Brasil como filho na FNP (Frente Nacional dos Trabalhadores). Salvador Pires ainda está vivo, é uma pessoa que teve um papel muito importante nesse processo todo. Então nasceu como um movimento para organizar os trabalhadores, nas lutas sindicais, os sindicatos estavam todos sob intervenção e sob controle da Ditadura Militar, não havia sindicalismo livre, então a frente fez esse papel. Então já tinha essa presença, tinha a pastoral operária, em 1970 o cardeal de São Paulo assumiu a diocese, o Dom Paulo Evaristo Arns que ainda não era cardeal, foi depois, isso na igreja católica romana. E aí criou-se as pastorais. Então tinha pastoral da periferia, pastoral operária, pastoral da juventude, e a pastoral operária participava das eleições sindicais, então foi nesse caldo que aconteceu.

O coletivo mediava a relação de refugiados políticos com as embaixadas viabilizando processos de asilo e suporte logístico, uma rede que foi importante e premiada por sua relevância internacional.

Rosalvo: Quando o SERPAJ veio, eu tinha sido caçado no sindicato dos bancários, tinha perdido emprego, tinha sido caçado e fui para o SERPAJ para trabalhar com refugiados, que acontecia da seguinte forma: a pessoa estava sendo perseguida por exemplo, na Argentina. Lá na Argentina procuravam o SERPAJ, procurava o Adolfo, e o Adolfo mandava para o Brasil porque aqui a gente conseguia manter o cidadão, levava no escritório da ONU, a ACNUR⁶ que reconhecia como refugiado, davam a ele um documento, e com este documento ele ficava sob responsabilidade da ONU. A partir do momento que ele recebia esse reconhecimento, a ONU dava a ele um apartamento, dava comida e ele ficava aqui esperando que a própria ONU conseguisse um país de refúgio para ele, e quase sempre era França, Suécia e Canadá. Mas também conseguimos para outros países como Noruega, raramente. Então o trabalho era basicamente esse.

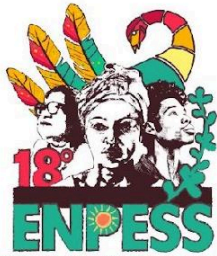
A frente de luta se organizou para combater as violências que os sistemas opressores ditatoriais da época sobrepunham em todo o território. Adolfo Esquivel que posteriormente seria premiado, foi nomeado coordenador do movimento por estar estrategicamente posicionado na Argentina, país que na época não apresentava tanta resistência política ao combate às ditaduras. O que mudou logo e tornou o líder alvo de perseguição.

Rosalvo: Foi uma coisa muito pequena, quatro países e nós, o Adolfo ficou como coordenador, ele era um professor universitário, da Universidade de Buenos Aires, de desenho, ficou, pois era um país que não estava sob Ditadura. Estava com a.... Perón, a mulher do Perón. E logo depois veio o golpe militar na Argentina também, e Adolfo foi um dos primeiros a serem presos. Bom, aí começamos a fazer um esforço enorme para obrigar o governo da Argentina a reconhecer que havia preso o Adolfo, para se responsabilizarem pela vida dele. Ele inclusive ficou no corredor da morte. Ele ia ser levado para ser solto do helicóptero (...).

Em 1980 seu presidente Adolfo Pérez Esquivel ganha, em nome do movimento, o prêmio Nobel da Paz por seu compromisso com as populações vulneráveis da América Latina, algo que fortalece não apenas o trabalho do grupo, mas toda uma luta política por garantia de direitos básicos e liberdade.

Rosalvo: E conseguimos que a Mairead Corrigan e a Betty Williams que foram prêmio Nobel da paz da 1977, por conta dos conflitos da Inglaterra, e a Irlanda do Norte entre

⁶ O ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados ou Agência da ONU para Refugiados é uma agência da ONU que atua para assegurar e proteger os direitos das pessoas em situação de refúgio em todo o mundo.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

os católicos os protestantes, conseguimos que elas indicassem o Adolfo ao prêmio Nobel da Paz. E a função era tentar mostrar para o mundo, que a Argentina tinha um candidato a prêmio Nobel da paz preso, e com isso tentar liberá-lo. Conseguimos. O Adolfo passou para a prisão domiciliar, e tiramos o Adolfo em 1977. Em 1980, que nem lembrávamos mais que o Adolfo havia sido indicado um dia, vimos a notícia de que ele era prêmio Nobel da Paz de 1980. E era nosso amigo, companheiro de luta e de caminhada (...).

De lá pra cá o trabalho do SERPAJ tem focado numa ação pedagógica importante que visa trazer ao letramento político das comunidades a ferramenta da não violência ativa, fomentando a auto organização de grupos regionais fortalecendo sua posição frente aos mais diversos conflitos, luta por direitos civis, direito à terra, liberdade de expressão e questão ambiental.

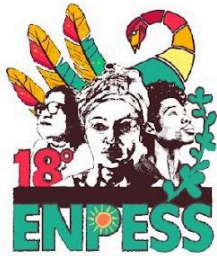
Em sua publicação Ana Juachéz cita a importância de que a luta por direitos humanos foque sua atenção não às pessoas, mas as “no personas” ou “não pessoas”, como ela diz, entendendo que são as pessoas furtadas de seus direitos que mais importam ao movimento, quem realmente sofre e precisa de garantia é quem mesmo sendo uma pessoa, não é considerada no panorama vigente.

Trabalhar com a educação passa a ser uma dinâmica importante, principalmente na sede da Argentina (país natal do coordenador do movimento). A cultura de guerra é tida pelo movimento como problema central e estrutural e como estratégia busca-se dismantelar as violências e seus mecanismos de perpetuação (JUÁNCHEZ, 2007).

Nota-se aqui uma amálgama de pensadores de todo o território que discutem e propõem em uníssono uma dinâmica libertadora das opressões, em busca de autonomia política e valorização das culturas populares e tradicionais. Busca-se ferramentas diversas para a construção de um cenário mais forte e estável, onde as populações tenham poder e seguridade.

De maneira geral a luta por direitos humanos em Abya Yala é uma luta por humanização do povo, é o lembrar-se de quem, e do que somos frente aos movimentos de objetificação que o capitalismo e como consequência, a colonização implementam em sua proposta de relação unilateral e opressora.

O trabalho das frentes por todo o continente se propõe a fortalecer as dinâmicas culturais e suas especificidades, bem como dar autonomia para que diante de tais características e demandas a práxis seja desenvolvida, sempre a serviço dos povos e não apesar deles.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Rosalvo: Então o SERPAJ teve a função de articular a América Latina para resistência, porque os movimentos do Brasil estavam voltados, os de esquerda eram voltados para a Europa, principalmente França, e os de direita para os Estados Unidos. Então, o Brasil não conversava com a América Latina. Foi aí que tivemos uma participação um pouco maior, via igreja católica principalmente, mas o SERPAJ era uma organização ecumênica. Havia pastores, padres e bispos.
Bruna: Mas era a partir da teologia da libertação?
Rosalvo: Sempre a partir da Teologia da Libertação.

O que antes poderia se considerar um paradoxo agora passa a ser uma dinâmica comum e estratégica, a igreja católica sendo parte do movimento de libertação de povos colonizados. Utilizar-se das comunidades orgânicas e comprometidas, dos espaços físicos e da credibilidade de seus líderes para propor um debate acerca dos direitos e possibilidades infindas do coletivo, repensar e reorganizar práticas e argumentos, é de fato um marco no que tange a movimentação anticolonial latino-americana.

Referências

BÍBLIA SAGRADA AVE-MARIA, 141. Ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1959, (impressão 2001).

COLPANI, Clóvis Lopes *et al.* A influência da teologia da libertação na formação de uma teoria dos direitos humanos a partir da realidade latino-americana. 2002.

DA SILVA MOREIRA, Alberto. Democracia e Direitos Humanos no Brasil: as contribuições da Teologia da Libertação. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 14, n. 1, p. 207- 221, 2016.

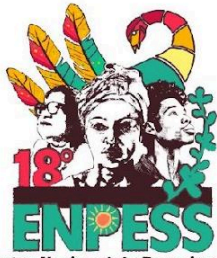
JUÁNCHEZ, Ana *et al.* Educar para la paz en América latina: la experiencia del SERPAJ. *Radio y educación de adultos Eccla*, 2007.

LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 05-22, 1989.

MARINI, Rui Mauro. Dialética da dependência. *Geminal: marxismo e educação em debate*, v. 9, n. 3, p. 325-356, 2017.

PERANI, Cláudio. Comunidades eclesiais de base e movimento popular. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, n. 233, p. 35-42, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala—tensões de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

territorialidades. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 20, 2009.
SPINIELI, André Luiz Pereira. Cultura latino-americana e direitos humanos: Teologia da libertação como alternativa epistemológica. REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino Americanos, v. 12, n. 2, 2022.

SALGUEIRO, Rosalvo. Entrevista pessoal. 01 de junho de 2023.